

## AMOSTRAGEM EM INVESTIGAÇÕES QUALITATIVAS: CONCEITOS E APLICAÇÕES AO CAMPO DA SAÚDE

### SAMPLING IN QUALITATIVE RESEARCH: CONCEPTS AND APPLICATIONS TO THE FIELD OF HEALTH

Claudinei José Gomes Campos<sup>1</sup>

Maria Giovana Borges Saidel<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo apresenta e discute conceitos básicos para o entendimento da aplicação das técnicas de construção e fechamento amostral, enfatizando as mais utilizadas nas investigações qualitativas no campo da saúde. Procurou-se, a partir da literatura e da prática dos pesquisadores e orientadores de pós-graduação *stricto sensu*, elucidar situações necessárias para pensar sobre as condições de escolha e qualificações dos participantes da amostra. Exploramos as questões: quais conceitos são importantes para o entendimento do processo de construção amostral? Quais estratégias e tipos envolvidos na construção amostral são indicadas para investigações qualitativas? Quais condições são necessárias para orientar o acesso a participantes em amostra qualitativa no campo da saúde? Como considerar as técnicas de fechamento amostral nas pesquisas qualitativas em saúde? Percebemos que os detalhes e o planejamento das técnicas amostrais em pesquisas de enquadre clínico, na lógica qualitativista, devem perpassar por decisões técnicas, contextuais, humanas e éticas.

**Palavras-chave:** Metodologia; Pesquisa Qualitativa; Amostragem; Saúde.

**Abstract:** This study presents and discusses some basic concepts for understanding the application of sample construction and closing techniques, emphasizing the most used to carry out qualitative investigations and the relevance of choice for research in the health field. Based on the literature and the practice of the researcher and supervisor of the *stricto sensu* postgraduate course, we sought to elucidate situations necessary to consider the conditions of choice and qualifications of the participants in the sample. We have explored the following questions: which concepts are important for understanding the sample construction process? What strategies and types involved in sample construction are indicated for qualitative investigations? What conditions are necessary to guide access to participants in a qualitative sample in the health field? How must sample closure techniques be conducted in qualitative health research? In qualitative logic, we realize that the details and planning of sampling techniques in clinical research must permeate technical, contextual, human, and ethical decisions.

**Keywords:** Methodology; Qualitative Research; Sampling; Health.

## 1 Introdução

A constituição da amostra em uma investigação científica constitui momento que deprende atenção e cuidado. Para este ensaio, trabalharemos com a compreensão que Pesquisa Qualitativa (PQ) é de natureza ontológica e orienta uma maneira de abordar objetos de estudo buscando sentidos, significados e experiências para sua sistematização.

---

<sup>1</sup> Doutor pela Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP. Prof. Dr. Colaborador da Faculdade de Enfermagem – UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: [ccampos@unicamp.br](mailto:ccampos@unicamp.br)

<sup>2</sup> Doutora pela Faculdade de Enfermagem – UNICAMP. Profa. Dra. da Faculdade de Enfermagem - UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: [mgsaidel@unicamp.br](mailto:mgsaidel@unicamp.br)

Nesse sentido são diversas perspectivas, no que diz respeito às abordagens, métodos, técnicas e desenhos utilizados no projeto, condução e avaliação dos estudos. Pesquisadores qualitativos debruçam-se frente aos seus objetos de estudo com o intuito em descrever, interpretar, compreender, entender ou superar situações que são experienciadas pelos atores sociais. Nesse sentido, apresenta-se uma racionalidade pautada em métodos científicos com interesse em abordar temáticas para finalidade investigativa (JORDAN, 2018). Importante ressaltar que não é adequado o entendimento de que a PQ é a única maneira de fazer pesquisa. Portanto é fundamental compreender e clarificar a polissemia da expressão que se edifica a partir de diversos fatores, dos quais destacam-se os fundamentos filosóficos e o reconhecimento das variações das diferentes metodologias (GONZALES, 2020).

Em nossas aulas e orientações de alunos de Iniciação Científica (IC), Mestrado e Doutorado, observamos que dentre outras, na óptica qualitativista, questões sobre qual referencial teórico utilizar, o desenho metodológico a ser desenvolvido, a utilização das técnicas de coleta e análise dos dados estão sempre presentes como processos de escolhas e decisões difíceis, via de regra, pelo contato dos neófitos à imbricada e árdua cadeia de conhecimentos que os envolvem. Porém, menos se comenta sobre a escolha dos participantes da amostra, como se fosse um processo naturalmente menos complexo e compreendido como de fácil realização. Há o esquecimento, muitas vezes, de um dos pressupostos essenciais do método qualitativo: o enfoque dos dados pesquisados deve sempre demonstrar a perspectiva dos significados atribuídos pelos participantes (BOGDAN; BIKLEN, 2006). Isso implica na eleição de participantes da amostra que consigam entregar dados ricos em significados do objeto de estudo ao pesquisador, cabendo a este último a compreensão e as interpretações destes significados (TURATO, 2013). Compreende-se como grupo de participantes em pesquisas qualitativas, os indivíduos que por meio de composição amostral farão parte da pesquisa e terão seus dados coletados por meio de técnicas de coletas de dados previamente estabelecidas e de preferência com triangulação. São os atores sociais que darão voz ao objeto de estudo por meio de suas experiências, vivências e processos cotidianos. Uma questão bastante discutida em artigos sobre critérios de qualidade em PQ é acerca da quantidade que irá compor esse grupo de participantes, ressaltamos que nem sempre ‘o número de participantes pode ser pré-concebido’. No percurso da pesquisa qualitativa é necessária avaliação contínua durante a coleta de dados para oferecer com clareza (NASSAJI, 2020; ÇELIK, 2020).

Alguns estudos ocupam-se de descrever sobre a amostragem em PQ como sendo um critério de qualidade para esse tipo de estudo (SIM *et al.*, 2018; MALTERUD; SIERSMA; GUASSORA, 2016; FONTANELLA *et al.*, 2011). Um critério relacionado ao plano amostral que emerge de estudos como esses citados é o de representatividade, que trata da explicação dos pesquisadores de qual técnica foi utilizada para definir o número dos participantes do estudo e se por meio dela é possível fundamentar a generalização conceitual ou naturalística (FONTANELLA *et al.*, 2011; KITTO *et al.*, 2008). Esse conceito será aprofundado a seguir, quando descrevermos os conceitos importantes sobre a temática deste ensaio.

Frente a essas descrições é possível perceber a importância de ensaios com essa proposta objetivando ampliar as discussões e colaborar na orientação de alunos de graduação e pós-graduação, docentes e pesquisadores.

O trabalho de campo aparece como uma das modalidades de eleição em investigações de cunho qualitativo (TURATO, 2013), sendo a imersão do pesquisador no contexto naturalístico do participante um quesito indispensável para que se consiga, por meio de observação atenta e inter-relacionamento, os primeiros indícios ou evidências indicativas de que um potencial participante da amostra possa se mostrar um informante qualificado, na perspectiva de fornecer dados abundantes relacionados à temática de pesquisa. Também, compreendemos, pela observação empírica e experiência, a inexistência, em vários artigos científicos, de clarificação ou mesmo indicação da técnica utilizada na construção e no fechamento amostral, munindo-se apenas do caráter burocrático, em apresentar o valor do “n” amostral.

Importante, por se tratar de um ensaio também informativo, ou elucidativo voltado principalmente aos estudantes de graduação, pós-graduação, como também aos pesquisadores mais experientes, justificar, inicialmente, a realização deste ensaio, pelo entendimento constatado, na prática e em leituras, de que poucos estudos que buscam trazer informações sobre o tema, tratam da amostragem em investigações qualitativas de forma generalista, sem focar algumas condições e especificidades articuladas ao pesquisador em saúde, que tem íntima relação com o cuidado e a assistência ao indivíduo que sofre. Neste sentido, o foco nos profissionais de saúde possui a vantagem - devido à experiência de cuidado à saúde - de trazer atitude clínica e existencialista inerentes (TURATO, 2013), que lhes permitirão desenvolver significativa coleta de dados e proceder às interpretações dos resultados com autoridade.

Não almejamos aqui criar, renovar ou esgotar os conhecimentos sedimentados sobre o tema, mas apresentar conceitos básicos para o entendimento da aplicação das técnicas de construção e fechamento amostral, enfatizando alguns pressupostos para a seleção de participantes e as mais utilizadas para realização de investigação qualitativa, apresentando a pertinência da eleição destes para as pesquisas realizadas no campo da saúde.

## **2 Conceitos oportunos para o entendimento de amostragem em pesquisas**

Inicialmente, tratamos de alguns conceitos essenciais para compreensão do sistema ligado ao desenvolvimento e delineamento de questões que envolvem os conhecimentos e as técnicas adequadas para realização da amostragem e fechamento amostral em pesquisas, derivando as que se ocupam da amostragem em investigações qualitativas:

1 - População: conjunto bem definido que tem propriedades específicas (um universo) e pode ser composto por pessoas, animais, objetos ou acontecimentos (LOBIONDO-WOOD; HABER, 2001).

2 - Amostra: porção, pedaço, fragmento, os quais são apresentados para demonstrar propriedades da natureza ou qualidade de algo (um subconjunto do universo) (LOBIONDO-WOOD; HABER, 2001; TURATO, 2013). Os participantes de uma amostra são sujeitos que trazem, em um sentido explícito ou implícito, em qualquer uma das escolhas de desenho metodológico, a capacidade de fornecer respostas ou material potencialmente adequado, que vá ao encontro das necessidades suscitadas pelos objetivos da pesquisa.

3 - Amostragem: processo de selecionar uma porção da população designada para representá-la como um todo (LOBIONDO-WOOD; HABER, 2001; TURATO, 2013). Os critérios utilizados para este processo são variados e dependem do enfoque que o desenho metodológico de opção demonstra. Mais à frente, citamos os processos mais utilizados em pesquisa quantitativa e descrevemos os mais comuns na abordagem qualitativa, foco deste ensaio.

4 - Representatividade: capacidade que uma amostra tem de apresentar características-chave que se aproximam dos atributos da população (LOBIONDO-WOOD; HABER, 2001; KITTO *et al.*, 2008). A questão de representatividade é muito característica e aproximada aos interesses que emanam de preceitos fundamentais e

epistemológicos de cada metodologia específica, sendo que representatividade para as pesquisas que utilizam metodologia quantitativa difere substancialmente daquelas de interesse qualitativista. A primeira busca a representatividade numérica, enquanto a segunda trabalha com a representatividade por interesse intrínseco.

A) Representatividade numérica: amplamente utilizada em pesquisas quantitativas, baseiam-se na seleção dos indivíduos que comporão o número (“n”) final da amostra, geralmente composta por processo de aleatorização, ou seja, os componentes da população têm chances iguais de serem sorteados para composição final. O número total de indivíduos que deverá ser sorteado ou participará da amostra (tamanho amostral), via de regra, é determinado por meio de fórmulas matemáticas específicas (LOBIONDO-WOOD; HABER, 2001).

B) Representatividade de interesse intrínseco: diferentemente da representatividade numérica, preocupa-se com a capacidade do participante em fornecer informações e significados relativos ao tema proposto pelo pesquisador ou refletir sobre múltiplas realidades, além de demonstrar eficiente comunicação da própria experiência relativa ao fenômeno estudado (BLANCO; CASTRO, 2007). Por assim dizer, a significação ou ressignificação de uma temática, pelo participante da amostra, é o combustível que impulsiona o pesquisador às interpretações válidas sobre o fenômeno, embasadas em referencial teórico pertinente.

5 – Tamanho amostral: diz diretamente respeito ao número de participantes que comporão a amostra. Percebemos um abismo muito grande quando se observa a quantidade de indivíduos que participam de uma amostra quantitativa daquelas da amostra qualitativa. Isso traz controvérsias sobre a forma de composição amostral e o pequeno número de participantes das amostras qualitativas, gerando questionamentos sobre a verdadeira representatividade (BLANCO; CASTRO, 2007). Porém, conforme explicamos acima, as aspirações e pertinências de ambas as metodologias (quantitativa e qualitativa) são extremamente diferenciadas, determinando formas de composição amostral que atendam às especificidades e aos interesses. É um lapso importante realizar a leitura de composição amostral ou qualquer forma de se realizar pesquisa pelo paradigma antagônico. De fato, os resultados propiciados pela análise dos dados fornecidos pelos participantes de uma amostra de pesquisa, independente do pilar paradigmático, produzem conhecimentos complementares. Resta aos pesquisadores se conscientizarem disso e os utilizarem de maneira profícua. Sobre o tamanho das amostras em pesquisas qualitativas, citamos a clássica ideia de que permita, em virtude de seu

tamanho não muito grande – a profundidade e a orientação analítica para o caso. E por não ser muito pequena, apresentar uma nova e ricamente tecida compreensão do fenômeno (SANDELOWISK, 1995).

6 - Generalização: conceito muito comentado na literatura e diz respeito às investigações de cunho quantitativo. A forma de composição randomizada, com representatividade numérica da amostra, permite que os resultados da pesquisa sejam generalizados a toda população (MARTINEZ-SALGADO, 2012; MINAYO, 2017a; TURATO, 2013), desde que se atinja nível mínimo de significância estatística. Pode ser também entendida como a inferência de qualidades e singularidades de análise para outros participantes ou conjuntos deles que, de fato, não foram foco de observação ou análise (MATTOS, 2011). Muito se tem discutido em vista da pequena quantidade de participantes apresentada pelas investigações qualitativas, no quesito de não proporcionar a possibilidade de generalizações, como no caso das pesquisas randomizadas e com representatividade numérica, porém há de se compreender que os pesquisadores qualitativos estão em busca da essência ou significações singulares de participantes específicos, de um modo interpretativo e naturalístico (DENZIN; LINCOLN, 2006), cujos os resultados sejam especificamente aplicados à sua amostra de estudo ou no campo específico de pesquisa, outra possibilidade discutimos abaixo com o conceito de transferibilidade.

Importante destacar a questão da confiabilidade/fidedignidade relacionado as questões de generalização, ou seja, se compreende que os resultados são fidedignos ao entenderem que são igualmente característicos de um universo populacional maior, o que de certa maneira retiraria a força do método, se visto deste ângulo. Porém, dentro da ótica qualitativista, um conceito ainda mais importante é o de validade, pois investigar sobre dados coletados com vieses, produzirão resultados errôneos e falsas conclusões (TURATO, 2013). Nesse processo de validação, a correta e confiável eleição de participantes da amostra necessitará um estreito conhecimento teórico e principalmente ético, além da perspicácia do pesquisador em eleger os participantes da amostra.

7 – Transferibilidade: conceito de práxis interessante para o entendimento do que seria uma analogia ao conceito de generalização quantitativista, ele é de uma perspectiva profundamente voltada aos interesses qualitativos, visto que pode existir a transferência de achados para situações similares (ALARCÃO, 2015). Podemos citar, nesta perspectiva, a generalização naturalística como uma das características fundamentais dos estudos de casos qualitativos (LUDKE; ANDRÉ, 2013). A pergunta é: a quem compete

transferir esses resultados? No entendimento do conceito de generalização, pela ótica positivista, o pesquisador tem este poder, embasado nas técnicas e nos procedimentos de construção amostral e na análise estatística. Diferentemente, quem deve transferir conhecimentos advindos de investigação qualitativa são os leitores ou consumidores finais destes resultados, quando percebem similaridades de contextos e situações. Podemos, assim, reafirmar a importância da construção amostral qualitativa, pois a transferibilidade somente pode dar-se a partir da descrição robusta e aprofundada dos fenômenos em contexto e não fundamentado em número de casos estudados (MARTINEZ-SALGADO, 2012) ou número de participantes, mas naqueles qualificados para tal.

### **3 Estratégias de amostragem e respectivas dimensões**

Basicamente, as estratégias de amostragem se dividem em duas: probabilísticas e não probabilísticas. Por razões de pertinência deste ensaio, apenas citaremos as técnicas probabilísticas (cabíveis aos estudos quantitativos) e nos deteremos especificamente a discutir algumas não probabilísticas, mais adequadas aos trabalhos científicos qualitativistas e com aplicação em investigações na área de saúde.

As amostras probabilísticas têm como característica básica a aleatorização na seleção dos elementos que a compõem, garantindo, no final, representatividade numérica de participantes que propicie a generalização dos resultados da pesquisa a toda população em que foi retirada a amostra (PINEDA; ALVARADO, 2008), conforme apontado anteriormente nos conceitos. A título de citação, as principais técnicas utilizadas nesta categoria são: amostragem aleatória simples, amostragem aleatória estratificada, amostragem de grupo e amostragem sistemática (LOBIONDO-WOOD; HABER, 2001).

Nas amostragens não probabilísticas, a preocupação com a seleção aleatorizada é nula, pois não é interesse do pesquisador qualitativista buscar representatividade numérica, mas procurar uma lógica proposital ou intencional, captar participantes que possam oferecer informações, significados e perspectivas privilegiadas acerca da temática em estudo, sua importância está no sentido que as opiniões sobre o tema pesquisado estejam representados nos relatos dos participantes (TAQUETTE; BORGES, 2020). O foco do pesquisador é estudar, de maneira aprofundada e interpretativa, os dados empíricos fornecidos pelos participantes da amostra (PINEDA; ALVARADO, 2008), sem preocupação em controlar variáveis, mas compreendê-las em profundidade em

processos e articulações. Nesta mesma perspectiva, amplitude e repetitividade do fenômeno são menos buscadas e maior é a intensidade demonstrada na dimensão sociocultural (crenças, valores, opiniões, representações, simbologias, costumes, comportamentos e práticas) (MINAYO, 2017a). Podemos ainda acrescentar, no âmbito das pesquisas qualitativas de atenção clínica à saúde e pertinente a este ensaio, os aspectos da dimensão biopsicoespiritual (sentimentos, afetos, vivências, relações humanas e intersubjetivas, movimentos empáticos, transferenciais entre outros).

#### **4 Alguns tipos de construção amostral não probabilística pertinentes às investigações qualitativas em saúde**

##### **4.1 Intencional (Teórica)**

Consiste na indicação deliberada de participantes ou informantes típicos da população (LOBIONDO-WOOD; HABER, 2001; TURATO, 2013), baseando-se na experiência e capacidade do pesquisador em reconhecer características destes indivíduos em propiciar a informação de dados relevantes para análise e alcance dos objetivos da pesquisa. É uma técnica largamente utilizada na composição amostral em pesquisas qualitativas. Esta técnica implica naturalmente pré-entrada no campo de pesquisa, sendo que neste período, o pesquisador vivencia o cotidiano dessa população, angariando informações e observações assistemáticas sobre os possíveis informantes a serem escolhidos. Um exemplo, numa investigação que objetivou compreender experiências de luto das mães frente à perda do filho neonato na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal de um hospital universitário brasileiro, foram selecionados intencionalmente seis mães que haviam vivenciado a perda do filho recém-nascido, que melhor expressaram ou representaram na sua fala a experiência de luto frente a essa perda (RODRIGUES *et al.*, 2020).

##### **4.2 Conveniência**

Uso de pessoas prontamente acessíveis e que contemplem os critérios de inclusão elencados no projeto de pesquisa como participantes da pesquisa. Pode haver caráter de voluntariado por parte destes indivíduos (LOBIONDO-WOOD; HABER, 2001), pois, normalmente, eles se apresentam como potenciais componentes da amostra a um pesquisador que passivamente aguarda o aparecimento destes (PINEDA; ALVARADO,



2008), ou seja, não há busca ativa, mas se apresentam ao pesquisador que pode estar captando participantes em um local definido. Apesar de auxiliar na rápida captação de dados, é pouco indicada por, muitas vezes, não apresentar os sujeitos com maior capacidade de fornecimento de dados ricos e substanciais à pesquisa (BLANCO; CASTRO, 2007). Numa investigação científica sobre os sentimentos em idosos com Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC) em uso de Oxigenoterapia Domiciliar Prolongada (ODP), todos os participantes que atenderam essas características (maiores de 60 anos, com DPOC e uso de ODP), que faziam retorno no Ambulatório de Pneumologia, foram prontamente abordados pelo pesquisador e aceitaram participar da pesquisa, foram incluídos na amostra e entrevistados (BUENO *et al.*, 2022).

### 4.3 Bola de Neve (*snowball*) ou Avalanche

Tem como princípio a indicação de participantes a partir de um informante inicial, que abordado e entrevistado, indica o próximo, pelo conhecimento de pessoas que compartilhem as mesmas características de interesse do pesquisador e, assim, sucessivamente (BLANCO; CASTRO, 2007; HARRIS *et al.*, 2009; TURATO, 2013). Utilizada principalmente quando há dificuldade em localizar participantes pelo pesquisador ou por serem indivíduos com acesso restrito, por tratar-se de populações estigmatizadas e marginalizadas pela sociedade, também conhecidas como *hidden population* (por exemplo: abusadores de substâncias psicoativas em situação de abandono, abordados sobre sua condição de vida. O primeiro participante poderia indicar um outro participante na mesma situação e assim por diante). Uma característica importante deste tipo de técnica é a capacidade de promover maior confiança dos novos participantes, pela indicação de alguém que compartilha o próprio problema de saúde ou do círculo social a que pertence (BLANCO; CASTRO, 2007). Em um artigo, pesquisadores problematizam esse conceito no que diz respeito à diversidade amostral e concluem com algumas recomendações advindas da literatura: a) os contatos pessoais anteriores não são essenciais para alcançar a diversidade, porém são importantes para a geração de novos contatos; b) a diversidade de informantes-chave é importante para a diversidade amostral; c) as entrevistas presenciais edificam confiança e auxiliam na geração de próximas referências; d) a persistência dos pesquisadores (dentro de uma racionalidade ética) pode garantir entrevistas e sustentar a diversidade e; e) a diversidade da amostra não é necessariamente aprimorada se apenas um informante-chave for

considerado, podendo dessa maneira gerar limitações nesse plano amostral (KIRCHHERR; CHARLES, 2018).

#### **4.4 Quotas**

Caracterizada pelo conhecimento prévio do pesquisador sobre a população a ser estudada, proporcionando que o participante seja identificado a partir de camadas da população. Assim, cada camada da população será representada proporcionalmente na amostra final. Não há aleatorização para escolha dos participantes, mas é dada devida atenção por parte do pesquisador na seleção intencional de representantes de cada camada populacional. Há garantia de que, sistematicamente, haverá inclusão de segmentos proporcionais da população, o que avaliza maior representatividade de todos os segmentos (LOBIONDO-WOOD; HABER, 2001). Exemplificamos, em estudo com trabalhadores na área de enfermagem sobre formação destes, a possibilidade de que haja representatividade proporcional de cada categoria profissional (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem).

#### **4.5 Variedade de tipos**

Consiste em um processo de seleção amostral, em que o pesquisador apresenta livre arbítrio e interesse na inclusão de pessoas fixadas por numerosas variáveis (sexo/gênero, credo religioso, universo psicocultural entre outras), porém com a caracterização de existir pelo menos uma variável ou característica comum a todas, também entendida como homogeneidade fundamental, a característica chave que une esses sujeitos pode ser o próprio tema da investigação. Por exemplo, em um estudo com pacientes portadores da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (SIDA), como variável comum, poderão ser arbitrariamente escolhidos participantes, em função de gênero, faixa etária, opção sexual, procedência, nível de escolaridade, estrato socioeconômico, credo religioso, posição no grupo familiar, universo psicocultural. Essas variáveis podem ser definidas *a priori* pelo pesquisador, ou também, agregadas durante o trabalho de campo realizado junto à população de estudo (TURATO, 2013).

#### **4.6 Amostragem de máxima variação**

O objetivo desta estratégia é capturar e descrever o tema central que é permeado por grande variação ou heterogeneidade. É a decisão de escolher uma grande variedade

de participantes para obter perspectiva equilibrada de um fenômeno. Para pequenas amostras, grande heterogeneidade pode ser um problema, porque os casos individuais são diferentes um do outro. A estratégia de amostragem de variação máxima transforma essa fraqueza aparente em força, aplicando a seguinte lógica: os padrões comuns que emergem de grandes variações são de particular interesse e valor na captura das experiências centrais, dimensões compartilhadas de um cenário ou fenômeno (PATTON, 2015). Por exemplo, um diretor de programa de graduação em dietética pode escolher alunos com diferentes médias de notas, em várias instituições de ensino superior, para ter amostra que represente todos os períodos de formação acadêmica, com vista a melhor perspectiva dos estudantes de dietética sobre a formação deles (HARRIS *et al.*, 2009). A variação em uma amostra pequena, como no caso das investigações qualitativas, pode aparentar inicialmente um problema, porém um indicativo inicial para maximização desta é identificar diversas características ou critérios de construção da amostra, elegendo, não aleatoriamente, casos de interesse em cada grande nicho pretendido, de forma a dar representatividade que pode ser geográfica, temporal, de expertise, entre outras. Embora a variação descreva a singularidade de cada participante, também procurará temas comuns em todos eles. Esses temas assumem maior importância, precisamente porque emergem desta grande variação (PATTON, 2015).

#### **4.7 Amostragem de casos extremos**

A amostragem de casos extremos busca indicar participantes que demonstrem características extremas em relação ao objetivo proposto, comparando-os e contrastando-os (HARRIS *et al.*, 2009). Por exemplo, um investigador seleciona profissionais de saúde exemplares em relação às condutas de relacionamento interpessoal com pacientes e outros com dificuldade de se relacionar (com fundamentação em análises e avaliações de desempenho laboral), para comparar e contrastar atitudes, abordagens (por meio de observação participante) e percepções. A intenção é examinar as melhores e piores práticas neste quesito para projetar intervenções para possível aperfeiçoamento.

#### **4.8 Amostragem de caso típico**

Estratégia na qual são selecionados “casos típicos” representados e que denominam o que é normal ou representativo das características daquela população. Este tipo é, especialmente, interessante quando se buscam, dentro das populações estudadas,

aqueles indivíduos que guardam em si características individuais marcantes, por exemplo de uma cultura, comunidade, comportamentos, atitudes inerentes ao convívio social de determinados grupos. Tem que se ter em mente que não existe familiaridade inicial do pesquisador com este campo de estudo, tornando, assim, o indivíduo selecionado uma fonte de informação para o desvelar dinâmico deste *setting* de estudos (PATTON, 2015). É de importante ajuda, nesse contexto, haver um informante inicial, geralmente, pertencente ao local, para as indicações destes possíveis “casos típicos”. Podemos exemplificar o uso desta técnica de amostragem, em estudos históricos sobre os profissionais de saúde que participaram diretamente do movimento inicial de desinstitucionalização psiquiátrica no Brasil, na década de 80. Os diretamente envolvidos devem ser identificados e escolhidos como casos típicos da amostra, fornecendo assim dados vivenciais deste período.

Abaixo apresentamos o Quadro 1, onde resumimos de maneira geral aspectos característicos, de aplicabilidade e desfavoráveis a utilização de cada tipo de construção amostral apresentado anteriormente. Por se tratar de uma forma didática e visual dessas características, muitas variáveis não foram contempladas, pois situações específicas ao pesquisador, campo de pesquisa, populações, temáticas de estudo tem influência direta nas condições e conduções da seleção amostral e devem ser relativizadas.

**Quadro 1:** Aspectos característicos, de aplicabilidade e desfavoráveis a utilização dos principais tipos de construção amostral não probabilísticas

<b>Tipos de construção amostral</b>	<b>Características</b>	<b>Aplicabilidade</b>	<b>Situações desfavoráveis</b>
<b>Intencional</b>	Pró Atividade, Propositividade, Assertividade na seleção de informantes chaves	Quando se tem vivência ou algum conhecimento sobre os participantes por meio observacional ou experiencial em campo (aculturação)	Baixa receptividade dos participantes, Questões institucionais que impeçam a aculturação ou ambientação inicial do pesquisador
<b>Conveniência</b>	Necessidade de conhecimento do afluxo de indivíduos ao campo com as características exigidas, pronta acessibilidade ao informante, captação mais rápida de participantes	Situações em que há necessidade de acesso mais célere a participantes com características pré definidas	Não garantia de acesso aos informantes mais adequados ou com maior experiência vivencial por ser demanda espontânea
<b>Bola de Neve (snowball)</b>	Constitui rede de informantes, propicia maior confiança dos participantes, facilita acesso aos	Altamente indicada quando os participantes são pouco conhecidos ou de difícil abordagem	Resistência dos informantes em participar, Necessidade de encontrar

	informantes	direta, por questões sociais, políticas, entre outras,	informante inicial que tenha acesso aos demais em mesma situação Dificuldades em diversificar a amostra e torná-la representativa
<b>Quotas</b>	Busca representatividade, permite acesso a representantes chaves de camadas ou categorias de participantes, permite a inclusão de segmentos proporcionais e representativos de um grupo	Quando o pesquisador trabalha com grupos, camadas sociais ou profissionais e procura uma representatividade proporcional, mas não aleatorizada dessas	Em populações altamente heterogêneas, as escolhas de participantes típicos representativos desse grupo pode ficar prejudicada
<b>Variedade de tipos</b>	Arbitrariedade na seleção dos participantes, Presença de "homogeneidade fundamental", ou seja, uma variável comum a todos os participantes, apesar de existirem outras variáveis dispersas entre a população (por exemplo socioculturais-demográficas), Permite a inclusão de novos participantes ao longo da investigação	Em estudos em que se pretende a partir de uma variável comum a todos, determinada pela temática de pesquisa, encampar diferentes pontos de vista produzidos por outras características ou variáveis dispersas na população	Pode ser um aspecto desfavorável ao uso desta técnica, o tempo a ser dispensado no levantamento de participantes que apresentem esse rol de variáveis desejadas
<b>Por variação máxima</b>	Permite perspectiva equilibrada de um fenômeno, Consegue abranger os padrões comuns existentes em grandes variações amostrais, Busca capturar experiências e pontos centrais de um fenômeno	Quando da necessidade de abordagem de grupos de participantes altamente heterogêneos, apesar de pertencerem a uma pequena amostra	Não necessariamente um ponto desfavorável, mas importante se atentar ao tempo e empenho do pesquisador em identificar e conhecer as características heterogêneas entre os participantes e também o acesso a eles.
<b>Casos extremos</b>	Busca características divergentes entre os participantes, Possui um caráter comparativo primordial	Casos em que o pesquisador necessita ter parâmetros altamente contrastantes, para avaliar um fenômeno dentro de sua proposta de pesquisa	Em amostras extremamente pequenas, dentro de instituições igualmente pequenas, o caráter sigiloso de identidade pode não ser suficiente para impedir o reconhecimento do participante, por características descritas no relatório final
<b>Caso típico</b>	Busca os informantes típicos ou mais representativos daquela população relacionada a temática de pesquisa, Não	Em situações em que o pesquisador desconhece os participantes e o campo de estudo, tornando a pesquisa um	Acesso ao informante inicial pode despender busca ativa pelo pesquisador, acesso pode ser dificultado sem um

	familiaridade inicial do pesquisador com o campo de pesquisa	desvelar dinâmico de ambos	contato prévio com o campo
--	--	----------------------------	----------------------------

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

## **5 Condições necessárias para orientar a elaboração de instrumentos de acesso a participantes em amostras qualitativas no campo da saúde, a partir do modelo clínico-qualitativo**

O termo clínico, do grego *Kline*, significa “debruçar-se sobre o leito” (CUNHA, 2010), em um entendimento assistencial. O cuidar ou tratar do indivíduo que sofre alguma patologia, ganha contornos muito específicos, quando tratamos de investigação científica na área da saúde. Esta está investida de intencionalidades necessárias ao pesquisador que dela se vale. Podemos classificá-las, quando se trata do uso da metodologia clínico-qualitativa, em três tipos de atitudes (TURATO, 2013):

1– Atitude existencialista: em relação à valorização intencional das angústias e ansiedades humanas, como inquietações e motivação à pesquisa.

2– Atitude clínica: caracterizada pela inclinação da escuta/olhar para o sofrimento do indivíduo sob estudo, movido pelo hábito e pela tradição de ajuda terapêutica.

3- Atitude psicodinâmica: considerando a interação afetiva entre entrevistador/entrevistado presente na coleta de dados e na teoria psicodinâmica para interpretações no estudo.

Em resumo, o pesquisador que executa a investigação, em uma perspectiva clínico-qualitativa, considera a escuta e observação clínica, o acolhimento das angústias existenciais e as relações humanas impregnadas de emoções conscientes e inconscientes. Importante apontar que as pesquisas, no âmbito clínico-qualitativo, não se limitam a estudar apenas os portadores de patologias, mas também todas as pessoas que estão envolvidas na assistência direta e formação (profissionais de saúde e educadores) e outros agentes de apoio em rede de atenção biopsicossocial (familiares, cuidadores e outras pessoas do círculo social) (TURATO, 2013).

Ao considerarmos o explicitado, para efeito didático, caracterizamos as condições para orientação no preparo de instrumentos para captação de participantes de uma amostra qualitativa no campo clínico em quatro grandes categorias, sendo de caráter: técnico, contextuais, inerentes aos participantes (individuais e/ou grupais) e éticos:

Técnico: a busca pelos elementos constitutivos de uma amostra, em qualquer pesquisa, passa impreterivelmente pelo conhecimento estruturado da proposta teórico-

metodológica do projeto de investigação. Isso pode soar como óbvio, mas enquanto o pesquisador não tem claros o recorte temático, os objetivos exequíveis, referenciais teóricos iniciais e instrumentos de coleta de dados adequados, qualquer movimento, no sentido de aventurar-se em campo, será fadado ao fracasso. Outro aspecto de especial interesse, considerando o preparo do pesquisador voltado a investigações no campo da saúde, diz respeito à capacidade empática, vislumbrando a característica existencial e clínica do encontro entre pesquisador e participante (TURATO, 2013). Provavelmente, o entrevistado ou participante, em um *setting* clínico, será um reflexo das atitudes do pesquisador/entrevistador, a atitude de acolhimento de angústias e perspectiva catártica do participante em poder compartilhar informações com o pesquisador atento, o que pode potencializar a qualidade dos dados fornecidos. Aspectos transferenciais, dentro de um paradigma psicodinâmico, também devem ser percebidos e considerados como fonte de dados inferenciais.

Contextuais: quando abordamos as condições contextuais para uma boa seleção amostral, não tratamos necessariamente apenas do contexto físico oferecido para coleta de dados (BLANCO; CASTRO, 2007), mas também da ambientação oferecida pelo pesquisador para propiciar um *setting*, entendido aqui como um ambiente bem delimitado, um enquadre que engloba todos os aspectos incidentais e que envolvem as pessoas, num determinado momento, reconhecendo e valorizando os elementos latentes que decorrem desta relação intersubjetiva (TURATO, 2013), que favoreçam a inclusão de participantes e fornecimento de dados pertinentes à objetivação da pesquisa. O ambiente naturalístico, comum às pesquisas no campo da saúde, é constituído, via de regra, pelo local onde os sujeitos são atendidos, recebem cuidados e tratamento, inter-relacionam-se com os membros da equipe de saúde, como também no ambiente não institucionalizado (residência, comunidade, espaços sociais), estes constituem potenciais espaços para pesquisa em saúde, demandando conhecimento prévio do local de busca dos participantes, período de pré-entrada no campo de pesquisa, ou na tradição antropológica, a aculturação, essencial para percepção e escrutínio do pesquisador, no que se refere à seleção de participantes do estudo, pois permitem, com essa vivência, conhecer previamente os perfis e as experiências em fornecer dados qualificados de cada elemento e o potencial deles como informantes.

Individuais e grupais: relacionado aos participantes, devem demonstrar características desejáveis à temática e aos objetivos da pesquisa (MINAYO, 2017b; TURATO, 2013), sendo selecionados aqueles com maior capacidade de fornecer dados

vitais e de interesse para o alcance dos objetivos propostos no estudo. Aqui, introduzimos o conceito de serendipidade, entendido como a capacidade de um participante trazer inesperadamente dados valiosos ao estudo (CAMPA, 2008; FOSTER; ELLIS, 2014). Apesar de traduzir-se em um elemento “surpresa”, uma percepção atenta e sensível do pesquisador pode resultar no investimento naquele indivíduo que apresenta maior capacidade, previamente percebida, de promover “*insights*” em um diálogo livre ou entrevista em profundidade (TURATO, 2013). Os elementos citados acima, adequadamente construídos e estruturados, ajudarão a delinear o perfil do informante ideal. Na construção de instrumentos de coleta, é imperativo ter em mente que tipo de informação é desejada. Há coerência em se investigar uma homogeneidade ampla, entendida como o conjunto de características/variáveis que são comuns a todos os participantes da amostra (TURATO, 2013), como também em não dispensar a necessidade de perscrutar as heterogeneidades (indivíduos que tenham pontos de vista conflitantes, mas originais) existentes, como forma de preservar a interpretação da lógica individual e intragrupal (MINAYO, 2017b), muitas vezes, advindas das experiências e relações interpessoais dinâmicas existentes entre os participantes.

Éticas: uma das características inerentes às pesquisas com seres humanos é a necessidade de se ter aprovação prévia do protocolo de investigação junto a um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) regido pela normatização da Resolução n. 466/12 (BRASIL, 2012), o que traz várias garantias e proteção aos participantes. Porém, em complemento a estas normativas, pela própria característica do sujeito na investigação no campo clínico, outros vértices devem ser observados. O respeito às angústias do participante, a condução atenta e demonstração de interesse, não somente no dado isolado, ou somente de interesse investigativo, demonstrado dentro de um contexto dinâmico e humano de produção, devem ser providenciados. O favorecimento de discurso de natureza catártica por parte do participante e o acolhimento desta angústia, de maneira empática pelo pesquisador, são essencialmente humanos e éticos na condução da coleta de dados neste contexto. Um dado confiável passa primeiro pela própria confiança do entrevistado no interlocutor. Essa é uma construção que deve iniciar-se desde a pré-entrada no campo (aculturação ou ambientação).

Importante assinalar, que as condições explicitadas acima não seguem uma sequência rígida, mas devem ser contempladas em sua amplitude geral no movimento da composição do conjunto de participantes do estudo, independente da técnica amostral utilizada.



## **6 Considerações sobre técnicas de fechamento amostral em pesquisas qualitativas na área da saúde**

O fechamento também é parte integrante da composição amostral. Algumas técnicas são largamente utilizadas em investigações de cunho qualitativo. Aqui, discutimos brevemente duas delas: saturação teórica e exaustão.

Saturação teórica: nesta técnica, os participantes são entrevistados e, quando há repetitividade de informações, afirmamos que houve saturação teórica ou dos dados, fechando-se o tamanho amostral com os sujeitos que foram entrevistados até aquele momento (FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008; FONTANELLA *et al.*, 2011). Existem críticas na literatura sobre esta técnica de fechamento amostral, mormente por considerar a frequência de repetições das respostas, em um ponto de vista quantitativo (MINAYO, 2017b). Há que entender que uma saturação completa é absolutamente impossível e sem garantias, visto que o caráter polissêmico e histórico do ser humano não pode ser controlado cartesianamente.

Acreditamos que um meio ideal de entender a saturação teórica e a respectiva aplicabilidade em investigações qualitativas, tanto na área de saúde, quanto nas outras, seria tomar a técnica apenas como balizador inicial e não prescritivo de suspensão da coleta de dados, coletando-se outras entrevistas subsequentes, a título de observar novas temáticas ou aumentar o grau de heterogeneidade que possam ser apresentada por futuros respondentes (MINAYO, 2017b). O pesquisador torna-se o elemento central, a partir do momento que toma para si a responsabilidade de entendimento de que já possui um conjunto de informações suficientemente robusto para o desenvolvimento da pesquisa e possa decidir interromper a coleta e desenhar a amostra final. A técnica passa a ter a finalidade de auxiliar o livre arbítrio do investigador.

Exaustão: pode ser considerada como um tipo de construção amostral, mas preferimos integrá-la às técnicas de fechamento, pelo simples fato dela, já de antemão, desenhar relativamente o número amostral final (FONTANELLA *et al.*, 2011). Trata-se de coletar dados com a totalidade de participantes de uma população. Esta técnica é especialmente indicada quando se tem quantidade muito pequena de participantes que podem ser acessados, por exemplo, em pesquisa que pretendeu estudar profissionais da área de enfermagem de uma pequena Unidade de Internação Psiquiátrica em Hospital Geral (UIPHG) sobre espiritualidade no atendimento aos pacientes psiquiátricos. De uma população total de 22 indivíduos, sendo que 18 participantes disponíveis que aceitaram

participar e atenderam aos critérios de inclusão, foram entrevistados (LAVORATO-NETO *et al.*, 2018).

## 7 Considerações finais

Este ensaio foi determinado pela necessidade na literatura de um artigo de consulta rápida sobre a temática e, principalmente, pelo enfoque de investigações qualitativas no setor da saúde e por percebermos que os procedimentos amostrais são pouco detalhados em boa parte dos artigos científicos qualitativos, de certa forma, apresentando somente características quantitativas dos mesmos, como por exemplo o “n” amostral, sendo um elemento que poderá trazer falsas percepções sobre este processo. O conhecimento e a previsão das técnicas de amostragem e fechamento amostral são primordiais para o resultado da pesquisa, por instrumentalizar os pesquisadores a selecionarem os participantes mais aptos a fornecer dados relevantes e pertinentes para o atendimento dos objetivos da pesquisa e permitirem, pela análise, a construção de corpo de conhecimentos e teorias que poderão subsidiar ações práticas e novas pesquisas na área. A utilização dessas técnicas deve passar invariavelmente pelos caracteres técnicos, contextuais, inerentes aos participantes (individuais e/ou grupais), e éticos no desenvolvimento das pesquisas.

## Referências

ALARCÃO, I. “Dilemas” do jovem investigador. Dos “dilemas” aos problemas. *In*: COSTA, A. P.; SOUZA, F. N.; SOUZA, D. N. (Org). **Investigação qualitativa: inovação, dilemas e desafios**. Aveiro. [s. l.]: Ludomedia, 2015. p. 103-123.

BLANCO, M. C. M. C.; CASTRO, A. B. S. El muestreo en la investigación cualitativa. **NURE Investigación**, Madrid, v. 27, mar. 2007. Disponível em: <http://www.nureinvestigacion.es/OJS/index.php/nure/article/view/340>. Acesso em: 01 nov. 2017.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa na educação: uma introdução às teorias e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Revê a Resolução 196/96 e aprova novas diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BUENO, G. H. et al. Experiences in elderly people with chronic obstructive pulmonary disease in relation to the use of long-term home oxygen therapy: a qualitative study about feelings attributed to therapy. **BMC Pulmonary Medicine**, Pittsfield, v. 22, 96, p. 1-6, mar. 2022.

CAMPA, R. Making science by serendipity. A review of Robert K. Merton and Elionor Barber's *The travels and adventures of serendipity*. **Journal of evolution and technology**, Willington, v. 17, n. 1, p. 75-83, march, 2008. Disponível em: [https://ruj.uj.edu.pl/xmlui/bitstream/handle/item/31528/campa\\_making\\_science\\_by\\_serendipity.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://ruj.uj.edu.pl/xmlui/bitstream/handle/item/31528/campa_making_science_by_serendipity.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 15 dez. 2017.

ÇELİK, H.; BAŞER BAYKAL, N.; KILIÇ MEMUR, H. N. Qualitative data analysis and fundamental principles. **Journal of Qualitative Research in Education**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 379-406, jan. 2020. Disponível em: <https://enadonline.com/index.php/enad/article/view/1290>. Acesso em: 21 nov. 2022.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DENZIN, K. N.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FONTANELLA, B. J. B. et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 388-394, fev. 2011.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Zbfsr8DcW5YNWVkyMVBByhrN/?lang=pt>. Acesso em: 02 dez. 2017.

FOSTER, A. E.; ELLIS, D. Serendipity and its study. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 70, n. 6, p. 1015-1038, oct. 2014. Disponível em: <https://www.emeraldinsight.com/doi/full/10.1108/JD-03-2014-0053>. Acesso em: 15 dez. 2017.

GONZÁLEZ, F. E. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [s. l.], v. 8, n. 17, p. 155-183, ago. 2020.

HARRIS, J. E. et al. An introduction to qualitative research for food and nutrition professionals. **Journal of the American Dietetic Association**, Chicago, v. 109, n. 1, p. 80-90, jan. 2009. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0002822308018956>. Acesso em: 15 dez. 2017.

JORDAN, D. Contemporary methodological approaches to qualitative research: A review of the oxford handbook of qualitative methods. **The Qualitative Report**, [s. l.], v. 23, n. 3, p. 547-556, mar. 2018.

KIRCHHERR, J.; CHARLES, K. Enhancing the sample diversity of snowball samples: Recommendations from a research project on anti-dam movements in Southeast Asia. **Plos One**, San Francisco, v. 13, n. 8, p. e0201710, aug. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0201710>. Acesso em: 25 out. 2022.

KITTO, S. C.; CHESTERS, J. E.; GRBICH, C. Quality in qualitative research. **Medical Journal of Australia**, Sydney, v. 188, n. 4, p. 243-246, feb. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.5694/j.1326-5377.2008.tb01595.x>. Acesso em: 25 out. 2022.

LAVORATO-NETO, G. et al. The free spirit: spiritualism meanings by a Nursing team on psychiatry. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 71, n. 2, p. 280-288, mar./apr. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/ZGgJV4ftx9CW6nFZvHwjbWz/?lang=en>. Acesso em: 15 mar. 2018.

LOBIONDO-WOOD, G.; HABER, J. **Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação crítica utilização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MARTINEZ-SALGADO, C. El muestreo em investigación cualitativa: principios básicos y algunas controversias. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 613-619, dez. 2012. Disponível em:

[https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/csc/v17n3/v17n3a06.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v17n3/v17n3a06.pdf). Acesso em: 11 dez. 2017.

MALTERUD, K.; SIERSMA, V. D.; GUASSORA, A. D. Sample size in qualitative interview studies: Guided by information power. **Qualitative Health Research**, [s. l.], v. 26, n. 13, p. 1753-1760, 2016. <https://doi.org/10.1177/1049732315617444>.

MATTOS, P. L. C. L. “Os resultados desta pesquisa (qualitativa) não podem ser generalizados”: pondo os pingos nos is de tal ressalva. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. especial, p. 450-468, jul. 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cebape/a/db6zWtVvwzqp6ycTvXqjZf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 dez. 2017.

MINAYO, M. C. S. Scientificity, generalization and dissemination of qualitative studies. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 16-17, s.m. 2017a. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2017.v22n1/16-17/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controversias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 1-12, abr. 2017b. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>. Acesso em: 15 dez. 2017.

NASSAJI, H. Good qualitative research. **Language Teaching Research**, [s. l.], v. 24, n. 4, p. 427-431, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1362168820941288>. Acesso em: 25 out. 2022.

PATIAS, N. D.; VON HOHENDORFF, J. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 24, n. 1, p. e43536, dez. 2019.

PATTON, M. Q. **Qualitative research & evaluation methods**. 4. ed. Thousands Oaks: SAGE Publication, 2015.

PINEDA, E. B.; ALVARADO, E. L. **Metodología de la investigación**. 3. ed. Washington: Organización Pan-Americana da Saúde, 2008.

RODRIGUES, L.; CAMPOS, C. J. G. Understanding bereavement experiences of mothers facing the loss of newborn infants. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, v. 20, n. 1, p. 65-72, jan-mar. 2020.

SANDELOWISK, M. Sample size in qualitative research. **Research in Nursing Health**, Nova Iorque, v. 18, p. 179-183, apr. 1995. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/nur.4770180211>. Acesso em: 25 out. 2022.

SIM, J. et al. Can sample size in qualitative research be determined a priori? **International Journal of Social Research Methodology**, v. 21, n. 5, p. 1-16, mar. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13645579.2018.1454643>. Acesso em: 25 out. 2022.

TAQUETTE, S. R.; BORGES, L. **Pesquisa qualitativa para todos**. Petrópolis, Vozes, 2020.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2013.

**Recebido em:** 30 de agosto de 2022.

**Aceito em:** 27 de outubro de 2022.